

CARACTERIZAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA DOS ÚLTIMOS 5 ANOS DA SÍFILIS CONGÊNITA NO BRASIL

II Congresso Médico Online de Ginecologia e Obstetrícia, 2^a edição, de 18/09/2023 a 20/09/2023

ISBN dos Anais: 978-65-5465-060-1

DOI: 10.54265/SSZC6523

MELO; Maria Clara Passos¹, TOSTO; Lilian Greice de Castro², SLONGO; Isabela Silva³, DIAS; Rafaela Varjão⁴, SOUZA; Thalia Castro⁵, TORRES; Laise Mota⁶

RESUMO

Introdução: A Sífilis Congênita representa um desafio significativo para a saúde pública em todo o mundo, incluindo o Brasil. A transmissão vertical dessa doença infecciosa, da mãe para o feto durante a gestação, pode resultar em sérias complicações para a criança, com consequências de longo prazo. **Objetivo:** O objetivo do presente estudo é identificar e analisar o perfil epidemiológico da Sífilis Congênita no território brasileiro, no período de 2015 a 2020. **Métodos:** O presente artigo se trata de um estudo epidemiológico, retrospectivo, de caráter descritivo, sobre casos de Sífilis Congênita no Brasil e regiões, com dados obtidos do SINAN, entre 2015 e 2020. As variáveis de interesse foram: faixa etária do recém-nascido, sexo, região, faixa etária materna, realização do pré-natal, sífilis materna, tratamento do parceiro, classificação final e evolução dos casos. A análise dos dados obtidos foi realizada com o auxílio do programa Microsoft Excel e tabulados em tabelas. Os dados estão apresentados em número absoluto e proporção das variáveis consideradas de interesse. **Resultados:** Verificou-se que no período de 2015 a 2020 foram registrados 139.015 casos de sífilis congênita. Durante o período de 2015 a 2018 houve um crescimento nos números de casos notificados, sendo prosseguido por uma queda até 2020. Além disso, observou-se que a maior taxa de prevalência foi na região sudeste (43,6%). Houve um ligeiro predomínio no sexo feminino e para a variável faixa etária do bebê, a maioria foi representada pela população com idade de até 6 dias (95%). Em todos os anos, o maior percentual de diagnóstico de sífilis materna foi durante o período do pré-natal (81,2%). Verificou-se uma queda na realização do pré-natal do ano 2019 para 2020. Verificou-se também um aumento no número de casos relatados como ignorados ou branco. A maioria das genitoras acometidas se encontra dentro da faixa etária da segunda década de vida (33,67%). Durante os 5 anos avaliados, houve uma predominância no não tratamento do parceiro (56,8%). A maioria dos casos relatados foi de sífilis congênita recente (93%). Para a variável evolução verificou-se que o ano de 2017 apresentou o maior número de óbitos em decorrência da doença (19,5%). **Conclusão:** Este estudo demonstrou que a prevalência de sífilis congênita no país é alta, apesar dos dados apresentarem limitações, já que a subnotificação de casos de sífilis materna e sífilis congênita é elevada. Entretanto, com os demais achados é possível evidenciar que a doença ainda se encontra fora de controle. Dessa forma, é de extrema importância desenvolver e executar medidas que visem controlá-la, com foco na saúde das mulheres, de seus parceiros e dos bebês em gestação.

PALAVRAS-CHAVE: Sífilis Congênita, Saúde da mulher, Epidemiologia

¹ UNIFTC, clarapmelo@gmail.com

² UNIFTC, Liucastro@hotmail.com

³ UNIFTC, belinhaslongo_2006@hotmail.com

⁴ UNIFTC, rafaelavarjao2000@hotmail.com

⁵ UNIFTC, thalia-castro1@hotmail.com

⁶ UNIFTC, dralaiseatorres@gmail.com